

COMUNICAÇÃO CONVIDADA

Rede e tecnologia no conhecimento do espaço

Réseaux et technologies pour la connaissance
de l'espace

Network and technology in the knowledge of
space

Tamara Tania Coben Egler

Professora do IPPUR/ Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Brasil

Resumo

Se o espaço urbano resulta da construção material e de aspectos econômicos, sua apropriação e seu uso, por sujeitos de sua vivência, responde à “construção de lugares” de trocas comunicacionais e de construção de identidades. Que diferenças traria a Internet a estes processos espaciais locais, ao permitir a construção de uma cidade virtual? Que efeitos estas relações comunicacionais, rizomáticas e sem fronteiras, teriam sobre as políticas urbanas e relações sociais locais? Nossa pesquisa aponta não para a construção de duas cidades paralelas, uma real e outra virtual, mas a uma relação complexa entre estes espaços. Trata-se de relações de fragmentos de cidades constituídos no espaço virtual que interferem nas configurações, nas práticas e nas políticas urbanas locais. Tais transformações apontam para mudanças de ordem institucional nos critérios de construção da realidade urbana, portanto, nas relações entre a comunidade e o Estado. Aponta-se uma tendência à inclusão de uma diversidade de atores e a redefinição de seus papéis e articulação no processo de construção das políticas e dos processos de urbanização.

Palavras-chave: espaço urbano ; políticas urbanas ; local e global ; tecnologias da informação e da comunicação

Abstract

If the urban space results of the construction material and economic aspects, its ownership and its use by individuals in their experiences, responds to the “constructed places” of communication exchanges and identity construction. What differences would bring the Internet to these local spatial processes by allowing the construction of a virtual city? What effects these relations communication, rhizomatic and without borders, would have on

urban policies and local social relations? Our research aims not for the construction of two parallel cities, real and virtual another, but the complex relationship between these spaces. These are relationships consisting of fragments of cities in virtual space that interfere in the settings, practices and policies in urban locations. These changes point to changes in institutional construction criteria of urban reality, therefore, the relationship between the community and the state. The article points a tendency to include a diversity of actors and the redefinition of their roles and articulation in the construction process of the policies and processes of urbanization.

Keywords: urban space; urban policies; local and global; information and communication technologies.

Résumé

Si l'espace est le résultat de la construction matérielle et des aspects économiques, son appropriation et usage par les sujets réponds à la « construction de lieux » des échanges communicationnelles et de construction des identités. L'Internet apporterait des différences à ces processus des espaces locaux, quand elle permet de construire une ville virtuelle ? Quels sont les effets des relations communicationnelles, rizomathiques et sans frontières par rapport aux politiques urbaines et les relations sociales locaux ? Notre recherche ne focalise pas la construction de deux villes, une réel et autre virtuel, mais la relation complexe entre ces espaces. Il s'agit des relations de fragments de villes constitués dans l'espace virtuel et qui ont des influences dans les configurations, dans les pratiques et dans les politiques urbaines locaux. Ces transformations indiquent des changements institutionnelles dans les critères de construction de la réalité urbaine, c'est-à-dire, dans les relations entre la communauté et l'État. Il y a une tendance vers l'inclusion d'une diversité d'acteurs et la rédefinition de leurs rôles et articulation dans le processus de construction des politiques et des processus d'urbanisation.

Mots-clés: espace urbain ; politiques urbaines ; local et global ; technologies de l'information et la communication

Introdução

Devo começar por dizer que me foi feito o desafio de apresentar a trajetória de minha pesquisa à Regina Marteleto para fazer essa comunicação convidada da Jornada MUSSI. Essa proposta me conduziu para uma reflexão em busca dos vínculos analíticos que fazem a totalidade das linhas de pesquisa em desenvolvimento no laboratório Espaço do IPPUR, sob minha coordenação. Para tanto foi preciso reconstruir minha forma de ver, pensar e

analisar as relações que se estabelecem entre conhecimento, rede e espaço, na atualidade globalizada. Para encontrar os fios que articulam as partes foi possível re-significar os fatos, atores e processos vividos e pensados, para ver com novos olhos as atividades desenvolvidas ao longo de minha trajetória como pesquisadora do espaço, particularmente na atualidade globalizada.

A primeira percepção da alteração da relação espaço-temporal me levou a pensar que a Internet formava uma nova cidade, acima da cidade industrial e descolada dela mesma (EGLER, 1996). A segunda me levou a compreender que não se tratava propriamente de uma cidade, mas de um novo espaço que se sobrepunha à cidade industrial, formando uma nova totalidade mais complexa (EGLER, 2004). A terceira me levou a reconhecer o processo de sua colonização por redes, quando a pesquisa se afasta de um posicionamento teórico para entrar na complexidade da existência social e mergulhar na análise dos atores, processos e fatos, para fazer a análise dos fenômenos e observar as diferentes redes que emergem da inovação tecnológica. Tanto aquelas dedicadas a fazer a defesa do coletivo, quando aquelas dedicadas a fazer a defesa de interesses particulares (EGLER, 2007, 2010) .

Para decompor essa totalidade, podemos revelar os caminhos desse percurso da seguinte forma:

- O espaço como objeto do conhecimento
- Tecnologia da imagem e difusão do conhecimento
- Espaço digital
- Rede global e política urbana local
- Rede sociotécnica e gestão democrática da cidade
- Rede de Política Pública - RPP

1. O espaço como objeto do conhecimento

A construção do objeto não é um processo simples, ele *não nasce de uma só tacada*, é como uma obra de arte deve ser feita e refeita. São muitas pinceladas que reúnem um trabalho de grande fôlego, que vai se realizando aos poucos (BOURDIEU, 1998). É um exercício permanente do pensamento é um processo lento que exige muito trabalho e *olhos cansados* (SANTOS, 1994) para produzir a interpretação do mundo. Aos poucos, o fenômeno fica mais preciso, e a sua interpretação, mais clara. A produção do conhe-

cimento é o exercício associativo do pensamento entre conceitos teóricos e fenômenos observados, que permitem a organização do pensamento (MATURANA; VARELLA, 2001; RIBEIRO, 2001).

Nessa perspectiva, o objeto é uma mediação entre sujeito e realidade e seu desígnio é dar significado ao mundo. Sabemos que o real é inatingível, mas a sua representação é uma tentativa de aproximação que nos permite entender o mundo em que vivemos e nos reconciliar com as diferenças. O objeto é produto da experiência vivida, não é uma exterioridade, mas uma interioridade que nasce dessa experiência vivenciada. É uma relação entre as dimensões subjetiva e objetiva da existência; ao se tornar público, o sujeito se representa por meio do seu objeto.

O pensamento é relacional e por isso é importante escutar os autores, dar significado aos conceitos e reconhecer as evidências empíricas do fenômeno examinado. Estas são o fundamento da produção de conhecimento novo, e, para construir o objeto, é necessário escutar os indivíduos que participam dos fatos e processos e que portam a informação. Escapar do pré-construído que imobiliza a faculdade de pensar, para produzir uma revolução num pensamento libertário e criativo (BOURDIEU, 1998).

A minha compreensão do espaço passou primeiramente por uma reflexão associada ao espaço construído, suas formas materiais e econômicas; a interlocução com Ana Clara Torres Ribeiro¹ permitiu a inclusão da importante categoria ação social, lida na capacidade de criar e recriar a ação social que conduz para a formação do espaço, que define as formas autônomas de Pensar o espaço urbano, é examinar suas múltiplas determinações e permitir uma ação para recomeçar um processo alternativo de produção que possa conduzir à sua transformação. Por isso a importância do pensamento que possibilita a compreensão do espaço e a produção de uma ação para transformá-lo.

Com Hanna Arendt (1992, 1993, 1994) aprendi a pensar e a desenvolver minha capacidade analítica no sentido de operar uma compreensão, em que pensamento e ação *se tornaram um único ato*. Por isso era mais importante estudar as condições objetivas da vida real do que ficar imobilizada em considerações teóricas destituídas de sentido social. A proposta foi valorizar o pensamento e o desafio de compreender o mundo, e a tarefa, portanto, foi reintroduzir na vida real as categorias e conceitos analíticos, e olhar por

dentro do social nele mesmo (BOURDIEU, 1998).

Essa reflexão vincula-se à questão em exame, ou seja, identificar as relações que se estabelecem entre o pensamento que se propõe a conhecer o espaço, seus processos de produção material e as relações sociais lidas em vínculos, identidades e resistência que o formam (RIBEIRO, 1999). Quer dizer, o pensamento se representa por um discurso que produz uma determinada concepção do espaço e se transforma numa ação coletiva de criação e apropriação. Mais simplesmente, para cada momento histórico existe uma forma dominante de pensar que se condensa em processos espaciais. Por exemplo, a modernidade é uma forma de pensar que tem importantes resultados sobre os processos espaciais e conduz para uma cultura de produção do espaço. São essas as relações que orientam a nossa trajetória acadêmica, valorizando o pensamento e a forma de construir, de viver e de representar o espaço urbano.

Na conceituação mais simples, que podemos encontrar em dicionários o espaço, refere-se à distância entre dois pontos. Podemos ir adiante e perceber que ele é uma categoria abstrata, que diz respeito a processos de natureza visível, como espaço construído, e de natureza invisível, como espaço social; além disso, podemos pensar no espaço simbólico que está referido no discurso que ele enuncia e que lhe confere um determinado significado de distinção social.

O espaço construído trata dos espaços materiais resultantes de um processo de produção econômica, determinado pela técnica construtiva e por formas próprias de organização do trabalho. Responde pelas necessidades da produção e da vida cotidiana, está escrito nos objetos edificados que compõem o processo de urbanização. Podemos identificar diferentes escalas de natureza local, regional, nacional e global. O espaço social é percebido entre os indivíduos que participam de um coletivo, está referido à ação, como propõe Ana Clara Torre Ribeiro (1999, 2001) de natureza relacional e forma um tecido social que se representa através de fios invisíveis, de natureza comunicativa, que fazem a coesão social, é a “cola” que reúne os homens em um lugar comum. Além disso, todo espaço contém também uma dimensão simbólica que está expressa no discurso representativo do poder, que se plasma nos objetos e que as pessoas detêm para definir e distinguir o lugar dos indivíduos na hierarquia social.

Essas três dimensões plasmam a origem da minha pesquisa. Para avançar na pesquisa foi importante fazer prevalecer uma forma de pensar multidisciplinar e transdisciplinar. Para tanto foi necessário percorrer as diferentes disciplinas associadas ao objeto do conhecimento sobre o espaço. A proposta teórica foi sair de um posicionamento singular e produzir um discurso analítico transdisciplinar com o objetivo de inter-relacionar paradigmas de análise com os materiais relacionais e simbólicos do espaço urbano. Era preciso superar o isolamento e a especialização da modernidade, para entrelaçar as diferentes disciplinas e transcender o parcial e o especializado no sentido de formar uma totalidade analítica complexa, em busca da compreensão dos problemas espaciais que se apresentam na nossa contemporaneidade.

2. Tecnologia da imagem e difusão do conhecimento

Ao longo de toda a vida fazemos uma só pesquisa, que vai se desdobrando na medida em que se amplia a experiência e as perguntas se multiplicam. Como a conjuntura histórica vai se transformando, o desenvolvimento das atividades de pesquisa resulta de perguntas que emergem dos fatos, atores e processos que marcam a nossa percepção e que suscitam uma análise capaz de dar respostas às interrogações que antecedem e sucedem os trabalhos de investigação.

Comecei minha carreira acadêmica, no departamento de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Paraíba. Quando lá cheguei fui à biblioteca e encontrei quatro prateleiras com livros sobre Arquitetura e urbanismo. Como montar um curso sem referências bibliográficas? Por isso no final da década de 80, quando começaram o processo de inovação tecnológica, como a invenção de câmeras *camcorders*, possibilitava a produção de imagens cinéticas. Todo mundo podia fazer seu filme. E o legado de Glauber Rocha se democratizava. Com “*uma câmera na mão e uma idéia na cabeça*”, surgem as possibilidades de fazer produtos imagéticos e levar para os estudantes da Paraíba imagens com conhecimento sobre arquitetura e urbanismo. Esse é o ponto de partida que mobiliza o meu olhar sobre a concentração do conhecimento no sul do país e a possibilidade de ampliar a sua difusão a partir da utilização de produtos imagéticos, por serem mais baratos e mais acessíveis, principalmente por se tratar dos estudos espaciais. Nessa perspectiva, foi formulada a pergunta:

Como usar a tecnologia para ampliar a acessibilidade à informação e ao conhecimento?

Quando fui transferida, da Universidade Federal da Paraíba para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, fiz um projeto de pesquisa que tinha esse objetivo: criar um núcleo de documentação visual urbana, seu objetivo era fazer a difusão do conhecimento sobre o espaço urbano. A linguagem visual é considerada um sistema de representação, um modo de representar, documentar, analisar, e difundir o conhecimento sobre o espaço. Como a linguagem, a imagem é uma estrutura simbólica *que vale por mil palavras*; é, como um texto verbal, um texto imagético que representa de forma clara e sucinta do objeto do conhecimento examinado. Esse pensamento conduziu a nossa ação no sentido de criar vídeos, no contexto de uma tecnologia da imagem de suporte analógico. Nesse primeiro passo foi possível criar um conjunto de vídeos sobre processo espaciais (EGLER, 1994).

Conhecimento, pensamento e ação se confundem numa mesma totalidade. O acontecer da vida permite fatos e processos que suscitam nossas indagações e reflexões, que, por sua vez, nos permitem avançar na formulação de um pensamento que se propõe a apreender.

O vídeo *Rio: nome do lugar* havia sido selecionado para participar de uma mostra internacional de vídeos científicos. Nesse evento organizado pelo Prêmio Möbius, no início da década de 1990, tive a oportunidade de pela primeira vez representações de estudos científicos em suporte digital. Lembro-me até hoje das imagens maravilhosas de restituição animada de corpos de insetos, por processos de animação. Imediatamente me dei conta de que seria possível usar a imagem digital para a representação de processos espaciais. Retornei da viagem com *mil idéias na cabeça* para entrar na complexidade da representação do espaço em suporte digital. Logo abandonei a produção analógica de vídeos para fazer a pesquisa e descobrir a múltiplas possibilidades dadas pela tecnologia digital. Para tanto, a pesquisa se desenvolve no sentido de reconhecer a especificidade da linguagem digital, a complexidade das possibilidades tecnológicas, e as estruturas de navegação possibilitadas pela tecnologia numérica.

No primeiro experimento em suporte digital foram muitas horas de trabalho para descobrir os procedimentos tecnológicos e as possibilidades de linguagem dadas pela tecnologia digital para representar os processos es-

paciais. Como podemos ler no CD Rio Museu Virtual, (EGLER, 1992) a experiência de uso da tecnologia informática que demonstrou a riqueza para representar processos espaciais, foi quando descobrimos as possibilidades de reconstituição da vida na cidade em seus diferentes contextos históricos.

3. Espaço digital

As questões de pesquisa, assim como a vida, surgem, muitas vezes, por acaso, quando somos capazes de perceber e reconhecer determinadas ocorrências como objetos de investigação. Um dia, no início da década de 1990, fui até o Núcleo de Computação Eletrônica da minha universidade, para encontrar-me com o Prof. Antonio Borges, engenheiro de computação na ocasião. Ele se propusera gentilmente a ser meu interlocutor, ajudando-me na pesquisa sobre o uso da informática para a produção de representações espaciais. Quando lá cheguei, ele me chamou, sentou-se ao computador e começou a escrever. Logo depois, parou de usar o teclado, mas o texto continuava aparecendo na tela. Eu fiquei surpresa, e ele ria. Estava conversando com um professor em Nova York. Tinha nascido a Internet no Brasil.

O NCE fica a uma distância de aproximadamente 1 km do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ), no *campus* da cidade universitária, na Ilha do Governador – minha casa institucional. Saí de lá pensando: o Antonio estava mais próximo do professor de Nova York do que de mim. Nesse momento compreendi que as relações espaços-temporais estavam mudadas no mundo. Nesse momento veio-me a idéia de que era necessário observar os efeitos da inovação tecnológica nos processos espaciais no contexto da sociedade da informação e comunicação.

A transição da sociedade industrial para a sociedade da informação e comunicação e o avanço na inovação de tecnologias, tornou possível a adoção de uma orientação analítica que observasse como o advento de novas tecnologias da comunicação e informação, impõem mudanças nos processos espaciais e nas relações sociais, que transformam as possibilidades de comunicar, fazer a integração social. Por isso foi possível formular a pergunta:

Como a sociedade da informação muda os processos espaciais?

A primeira percepção foi reconhecer como a imagem digital ampliava a pos-

sibilidade de representar o espaço. A segunda percepção e a mais importante é que a tecnologia informática transforma o processo espacial. No começo dessa pesquisa sobre o espaço na sociedade da informação e comunicação eu pensava que nós teríamos uma cidade virtual, acima da cidade real. Ficava imaginando que elas eram separadas em diferentes escalas, a cidade virtual ficava acima da cidade real. Nessa direção foi possível perceber que esse espaço era suporte técnico do espaço global.

No debate do campo podemos ler dois posicionamentos: um primeiro que reconhece os limites humanos para o uso de tecnologias e um segundo que valoriza a invenção de tecnologias para o bem estar social. Para analisar os efeitos do advento de novas tecnologias de informação e comunicação sobre a vida urbana, a pesquisa se decompõe em dois eixos analíticos. Um primeiro para examinar seus efeitos sobre as políticas urbanas locais e um segundo para analisar as formas da interação social e as possibilidades de democratização e desenvolvimento social. Entre o bem e o mal, o caminho analítico percorrido foi fazer uma pesquisa para penetrar na identificação e análise de evidências empíricas, para isso era preciso conhecer as políticas urbanas globais nas cidades, para descobrir seus efeitos sobre a vida cotidiana no local (EGLER (2004, 2008, 2010). Para tanto, o desdobramento do trabalho é imediato, o nosso olhar foca nas políticas urbanas globais para o Rio de Janeiro, e por outro lado, analisar o alcance das redes sociotécnicas e suas potencialidades de democratização. A pesquisa se desenvolve com uma investigação que identificou os atores, produziu seu mapeamento e analisou a sua participação na formulação de políticas urbanas.

4. Rede global e política urbana local

Na orientação crítica sobre o processo de globalização são consideradas as mutações na ordem da soberania. Esse processo se constitui por meio de uma série de organismos nacionais e supranacionais que exercem uma dominação econômica e política ao nível global. Quando são estabelecidas novas fronteiras territoriais e se estabelecem relações de poder alternativas que excluem tudo aquilo que representa o outro. A moderna soberania não tem centro, é um aparelho de descentralização e desterritorialização que incorpora o mundo inteiro dentro de fronteiras que se ampliam rizomaticamente. Essa nova elite global constrói o tecido conectivo do novo mundo,

na qual a comunicação expressa e organiza a globalização multiplicando as interconexões por redes e controlando o sentido do imaginário global (HARDT; NIGRI, 2000).

Nessa direção analítica foi possível perceber que existiam conexões entre o espaço global e o espaço local. Quer dizer, o espaço virtual não está acima do vital, mas eles se combinam numa mesma totalidade complexa. Nessa direção foi possível compreender como a transformação dos processos espaciais encontra-se além de suas formas aparentes, para perceber que estávamos diante de um processo de transição que forma um novo espaço que, por sua vez, se transmuda e se sobrepõe às formas anteriores do espaço precedente. Sua nova configuração resulta de fragmentos de cidades, em diferentes localizações do mapa do mundo, conectadas por fluxos informacionais de suporte tecnológico. Isso quer dizer que esse suporte conecta formas espaciais, materiais e fluxos comunicacionais. Sua representação pode ser lida na conexão de espaços locais – fragmentos urbanos – e processos comunicacionais – fluxos digitais – que se articulam e originam um novo, formando uma totalidade, ligando o local com global e constituindo uma nova totalidade espacial aescalar (LIMONDA; RANDOLPH, 2001).

As políticas urbanas globais estão na ordem do dia, a sua importância está expressa na competição entre cidades dos mais diversos países do mundo pelas candidaturas para sediar as Olimpíadas, nos projetos de renovação das zonas portuárias e nas políticas de preservação do patrimônio imobiliário. Para participar dessa rede de cidades globais, os governos locais se organizam para a realização de políticas urbanas capazes de colocar a sua cidade na competitividade do sistema global. O que podemos observar então é a formação de uma rede de corporações dedicada ao desenvolvimento de atividades de turismo que manejam hotéis, agências de viagens, e entretenimento, em benefício do incremento do tráfego de turismo global e dos lucros extraordinários realizados pelos atores que se associam em rede de competição das cidades globais.

5. Rede sociotécnica na gestão democrática da cidade

A Internet possibilita novas formas de conectividade entre as nações, as cidades e as pessoas no mundo, transforma as trocas objetivas e subjetivas,

possibilita a interação entre as nações e potencializa a formação de um espaço aterritorial e atemporal (SANTOS, 1994). O desafio do nosso estudo é exatamente essa possibilidade, compreender que a técnica aumenta a capacidade humana de organização e interação, possibilitadas por formas alternativas de conectividade que definem novas identidades e institucionalidade políticas. Resta ainda questionar suas possibilidades de contemplar o bem estar social. O desdobramento da pesquisa vai então examinar a utilização da tecnologia para a formação de redes sociotécnicas que tenham por objeto de ação a defesa da cultura e da vida cotidiana no lugar.

Se as corporações se organizam globalmente através do uso de redes de comunicação e constroem o mercado mundial é preciso também examinar de que forma as redes técnicas alteram as conexões do tecido social e formam um coletivo que se organiza em torno de objetivos compartilhados de ação. Esse foi o desafio maior da pesquisa estudar de que forma as redes sociotécnicas se conectam e formam uma totalidade mais complexa que estrutura as novas formas de organização econômica, política e social. Nessa etapa da pesquisa a nossa indagação principal estava centrada na pergunta: o que muda na ordem das relações sociais pela mediação da comunicação eletrônica?

Para investigar as redes sociotécnicas devemos reconhecer os lugares analíticos, que observam a importância da ação social na prosperidade das nações. O que nos mobiliza é a possibilidade de criar coletivos autonomizados capazes de agir através de uma estrutura de gestão horizontal. É inerente às novas tecnologias a possibilidade de articular redes sociais que possam a se unir, visando um objeto de trabalho em comum. A mesma natureza dos espaços de tecnologia informática, lógica numérica e arquitetura em rede respondem por possibilidades de união e organização social que não encontramos nos espaços hierarquizados da sociedade industrial. Está claro que a constituição de redes sociais auto-organizadas pode se constituir em um espaço de interação social que abre caminhos para a realização de experimentos que, por sua vez, aliam inovação tecnológica ao desenvolvimento social.

A formação de redes sociais possibilita um espaço de comunicação que pode criar coletivos sociais de ação autonomizada. As inovações tecnológicas permitem estruturas de organização, que, nessa arquitetura em rede horizontal, possibilita a realização de fluxos que permitem a comunicação concomitante de muitas pessoas que participam dos coletivos.

Essa pesquisa das redes era muito ampla, havia que aprofundar a análise. Para tanto, o foco deveria centrar-se no papel das redes sociais na formulação de políticas públicas. Nesses tempos em que a eficiência do atual modelo de administração pública vem sendo questionada, é importante observar de que forma a invenção de tecnologia poderia abrir caminho para novas concepções de institucionalidades políticas. Compreender como as novas ferramentas de comunicação podem viabilizar a democratização da administração pública e, conseqüentemente, transformar as estruturas burocráticas vigentes – centralmente organizadas e politicamente autoritárias – em modelos horizontais, cooperativos e flexíveis de gestão participativa foi o ponto de partida para examinar os efeitos das tecnologias sobre o processo de democratização da política urbana.

Ao observar as inovações sociais nas formas de cooperação, mobilização e ação coletiva que as redes sociotécnicas suscitam na governança urbana e ao analisar suas estruturas, bem como os princípios de representação e participação que determinam seu funcionamento, pretende-se contribuir para o entendimento de formas inovadoras de democracia eletrônica como estratégias complementares no processo de democratização das relações entre Estado e sociedade, averiguando o potencial dessas formas alternativas de interação social, mediada por redes sociotécnicas, na reinvenção das práticas de formulação e implementação de políticas públicas nas cidades. Trata-se de indagar sobre a realidade da democracia eletrônica e de seus efeitos – reais e potenciais – sobre a vida sociopolítica e cotidiana no espaço urbano.

O cerne da questão é refletir sobre a perda de centralidade vinculada à emergência das tecnologias que, ao criarem formas alternativas de ação, comunicação e mobilização social, promovem um reordenamento da forma de organização hierárquica, verticalizada e autoritária do Estado. Trata-se, pois, de conhecer o modo como se transformam as relações de interação entre Estado e sociedade pela mediação de tecnologias de comunicação e informação.

Diante dessa realidade, o projeto teve por objetivo investigar as práticas de formulação de políticas públicas da gestão participativa da cidade mediadas por redes telemáticas, a fim de saber de que forma é possível constituir coletivos e estimular novos processos de ação política, tendo em vista o advento de novas tecnologias.

A pesquisa avançou com a realização de uma investigação no sentido de tornar visível a totalidade do organismo que constitui as redes sociotécnicas de gestão democrática da cidade. Assim, pôde-se compreender o que será uma revolução institucional, em que as novas tecnologias permitirão uma mediação interativa entre a sociedade política do governo dos funcionários com a sociedade civil, possibilitando a conformação de um Estado que se comporá com a participação da sociedade política e sociedade civil.

Os resultados dessa pesquisa foram publicados em *Ciberpólis: redes para a gestão democrática da cidade* (EGLER, 2007), em que são apresentados os resultados da pesquisa “Redes tecno-sociais e gestão democrática da cidade”, premiada na concorrência internacional da Lacnic (Registro de endereçamento da Internet para América Latina e Caribe), no programa do Fundo regional de inovação da América Latina e do Caribe (Frida), envolvendo uma disputa internacional de 384 projetos. O livro é, portanto, uma importante contribuição para a inovação do debate da democratização da política urbana no contexto da sociedade da informação e da comunicação.

Os resultados alcançados com a pesquisa revelam que as redes não foram inventadas pela Internet, elas pré-existiam. Com isso nos encontramos os fios que articulam o local com o Global. Nessa perspectiva a pesquisa avança para examinar as políticas públicas de digitalização de territórios de municípios do Estado do Rio de Janeiro. O Corredor Digital é uma associação entre sete municípios contíguos, para o qual foi concebida, pelo governo do estado uma política de digitalização de suas cidades. Esse objetivo está associado ao exame dos processos de transformação do território pela mediação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), de modo que o estudo se desenvolve no sentido de examinar os resultados dessa política pública na formação de redes que transformam a produção econômica e a vida cotidiana. A mediação eletrônica promove mutações nos processos de comunicação, redefine as possibilidades de articulação de nações, empresas, organizações e instituições, provocando profundas transformações sobre o processo de urbanização e de articulação de territórios, no contexto de uma sociedade informatizada no mundo globalizado. Os resultados da pesquisa indicam que estamos diante de inovações tecnológicas que transformam o processo de urbanização, e ampliam as possibilidades de educar. Entretanto a política clientelista se mantém tradicional em todas as suas representações.

Atualmente, é esta a nossa pergunta: De que forma é possível examinar o papel da tecnologia na produção de políticas públicas e identificar seus efeitos sobre a transformação do território e das cidades?

6. Rede de Política Pública - RPP

A pesquisa sobre redes sociotécnica revela como as políticas públicas estão organizadas em sete categorias de ação. Essa percepção é também decisiva para o desdobramento da pesquisa, que vai abrir nossa percepção no sentido de identificar as diferentes políticas públicas. Essa percepção produz o desdobramento da pesquisa para o sentido de conhecer as múltiplas dimensões da ação política e fazer um experimento na produção do conhecimento em rede. Esse ponto de partida permitiu a concepção de um projeto que propõe uma transdisciplinaridade alternativa para os estudos da política pública. Condensa numa mesma totalidade pesquisadores associados a diferentes disciplinas: como economia, sociologia, arquitetura, saúde pública, comunicação social, engenharia associadas em torno do desvendamento de teorias, metodologias, práticas de pesquisa que possibilitem a compreensão e análise das políticas públicas dedicadas a produzir transformações sobre o espaço. Esse projeto foi encaminhado e premiado pelo Edital Pronex -2010, da Faperj

A produção do conhecimento é uma organização do pensamento intersubjetivamente elaborada. O projeto Núcleo de Políticas Públicas do Rio de Janeiro, se inicia a partir da compreensão que percebe como as políticas públicas são estudadas em diferentes disciplinas e instituições. Para fazer avançar a proposta em desenvolvimento foi formar, uma rede de pesquisadores por interação tecnológica, a Rede de Política Pública – RPP. O objetivo é encontrar um lugar analítico compartilhado, o seu desafio é fazer mediações que possibilitem o compartilhamento de teorias, metodologias, processos, procedimentos informações capazes de ampliar a produção coletiva do conhecimento.

A idéia de propor uma rede de pesquisa dedicada aos estudos das políticas públicas, nasce da percepção que considera tanto a ação da sociedade política, quanto a ação da sociedade civil como atores do processo espacial. Quando nos referimos às políticas públicas, estamos falando de programas de ação que vão além da dimensão visível e tangível do espaço urbano. A

nossa proposta analítica esta associada à complexidade material e relacional que resulta da ação dos diferentes atores no espaço. Quando se considera o espaço como produto de uma ação complexa de produção contínua, ela exige para a análise as especificidades de cada ação, ator e fatos que condensam as diferentes especificidades das condições de existência social no espaço.

Por isso, não se trata de produzir uma única metodologia, para ser aplicada em diferentes lugares, mas é importante abrir as possibilidades metodológicas para permitir a criatividade analítica de cada grupo de pesquisa. Trate-se de produzir um encontro, uma mediação entre as pesquisas que já se encontram em desenvolvimento. Isso por que não desejamos formatar uma única percepção da realidade, mas criar condições positivas para o desenvolvimento das capacidades analíticas presentes em cada grupo de pesquisa associados à Rede de Políticas Públicas. O desenvolvimento das pesquisas associadas tem por ponto de partida a análise de programas em diferentes políticas públicas setoriais, por diferentes instituições, atores, mediações tecnológicas e processos de participação e de decisão política.

Para fazer essa rede foram convidados coordenadores de diferentes laboratórios e instituições de ensino e pesquisa que se dedicam ao estudo das políticas públicas, como: urbanas, regionais, de saúde, de comunicação, de cultura e sistemas colaborativos que emanam do tecido social. Ao total foram contemplados 10 laboratórios com a participação dos seus pesquisadores associados. Sua organização política está centrada na possibilidade de realizar uma gestão horizontal e democrática.

Nos dois primeiros anos que nos separam da aprovação do projeto, foram realizadas reuniões, seminários, cursos de extensão, organização de livros e a programação de um sistema colaborativo com banco de dados, para realizar a tarefa de fazer um experimento de produção coletiva do conhecimento em rede.

O resultado desse trabalho nos reúne em torno do objetivo de fazer prevalecer uma análise que reconheça a importância da ação governamental e social, ou todos associados em rede na formulação e implementação de políticas públicas. Ao mesmo tempo, é nosso desígnio experimentar uma comunicabilidade em rede que nos permite constituir esse coletivo através da mediação e interação de tecnologias da informação e comunicação capazes de alterar as relações espaço-temporal e definir novas institucionalidades

para a produção do conhecimento em rede.

Na certeza de que as perguntas não acabam nunca e que elas se resultam de novas experiências de vida e de trabalho.

Notas

1 Os acontecimentos da vida me aproximaram da Profa Ana Clara Torres Ribeiro, com quem fiz uma interlocução cotidiana por ocasião de nossa convivência ao longo dos últimos 24 anos. Foi com ela quem me orientou pelos caminhos da sociologia urbana e da importância da ação social no espaço.

Referências

- ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- ARENDDT, H. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- ARENDDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- EGLER, Tamara Tania Cohen et al. **Rio museu virtual**, CD–ROOM<IPPUR/UFRJ> 1992.
- EGLER, Tamara Tania Cohen. Rio: nome do lugar. In: _____. **Vídeos urbanos**. Rio de Janeiro: UERJ, 1994. 1 fita de vídeo.
- EGLER, Tamara Tania Cohen. Cidade Virtual. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 out. 1996. Caderno Especial.
- EGLER, Tamara Tania Cohen. Espaços da coesão social na era informacional In: CONDAR, Jô; BARRENECHEA, Miguel (Org.). **Memória e espaço**: trilhas do contemporâneo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- EGLER, Tamara Tania Cohen. Refletindo a transição da sociedade industrial para a sociedade da comunicação In: **O rosto urbano da América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.
- EGLER, Tamara Tania Cohen. A imagem do espaço numérico. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, v.4, p.32 - 45, 2004.
- EGLER, Tamara Tania Cohen. Globalización, red tecnosocial y políticas urbanas In: Estado e Território: as dinâmicas da proximidade ed.Mexico: UAMEX, 2005
- EGLER, Tamara Tania Cohen. **Redes no espaço da sociedade da informação**. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ: CNPq, 2004. (Relatório de pesquisa).
- EGLER, Tamara Tania Cohen. Jogos Pan americanos para um Rio Global In: **Globalização e marginalidade: transformações urbanas**. ed.Natal : EDUFRN, 2008

- EGLER, Tamara Tania Cohen. **Ciberpólis: redes no governo da cidade**, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- EGLER, Tamara Tania Cohen. OLIVEIRA, F. M. A. Jogo no Rio. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)*, v.12, p.87 - 101, 2010.
- HARDT, M., NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIMONAD, Ester; RANDOLPH, Rainer. Cidade e lugar. Sua representação e apropriação ideológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v.4, n. 5, p. 11-25, 2001.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Atenas, 2001.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Ação e seleção social: impulsos globais em contextos metropolitanos. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Cláudio A.G. (Org.). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/FAPERJ, 1999.
- RIBEIRO, Ana Clara Tores et al. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, v.15 e 16, n.1/2, agosto/julho 2001-2/2002-1.

